

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS CAXIAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

A PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR EM ESTUDANTES DO ENSINO
MÉDIO DE CAXIAS-MA

NAYRES RIBEIRO LIMA

Caxias/ MA

2025

NAYRES RIBEIRO LIMA

**A PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR EM ESTUDANTES DO ENSINO
MÉDIO DE CAXIAS-MA**

Trabalho de conclusão de curso para obtenção
do título de licenciatura em Ciências Sociais
na Universidade Estadual do Maranhão.

Orientadora: Dra. Danielle Cristine Ribeiro

Caxias / MA

2025

L732p Lima, Nayres Ribeiro

A percepção da violência escolar em estudantes do ensino médio de Caxias-MA / Nayres Ribeiro Lima. __Caxias: Campus Caxias, 2025.

46f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Profª, Dra. Danielle Cristine Ribeiro.

* Violência. 2. Violência escolar. 4. Estudantes. I. Título.

CDU 37.015.3

NAYRES RIBEIRO LIMA

**A PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR EM ESTUDANTES DO ENSINO
MÉDIO DE CAXIAS-MA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus Caxias, como exigência para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Sociais.

Aprovado em 22/12/2025

Documento assinado digitalmente
 DANIELLE CRISTINE RIBEIRO
Data: 22/12/2025 10:47:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. DANIELLE CRISTINE RIBEIRO

Documento assinado digitalmente
 MARCIA REGINA FERREIRA SANTOS
Data: 07/01/2026 09:19:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Esp. MÁRCIA REGINA FERREIRA SANTOS

Documento assinado digitalmente
 CARLOS DANIEL DA SILVA SANTOS
Data: 22/12/2025 11:03:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. CARLOS DANIEL DA SILVA SANTOS

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser meu porto seguro e me dar coragem e sabedoria para continuar essa trajetória.

A minha orientadora Dra. Danielle Cristine, por ter aceito me orientar, por todo o suporte e excelente orientação.

A minha mãe Jucilene, por estar comigo em todos os momentos da minha vida e por toda preocupação e conselhos .

A minha irmã Nayana por estar sempre comigo, minha parceira.

Agradeço a minha amiga Daniele, pela amizade de tantos anos, sua positividade e otimismo.

Não poderia deixar de agradecer a Uema Campus Caxias pela oportunidade de formação e os conhecimentos adquiridos.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa de campo sobre as percepções de alunos de uma escola de Ensino Médio em Caxias-MA acerca da violência no ambiente escolar. Participaram 10 estudantes do 1º ano. A coleta de dados foi realizada por meio da técnica de grupo focal e entrevistas semiestruturadas, buscando compreender como os discentes percebem o fenômeno da violência no espaço educacional. Os resultados indicaram que a violência simbólica é a mais recorrente, manifestando-se por meio de xingamentos, expressões verbais e falas preconceituosas, enquanto a violência física foi a menos observada. Constatou-se ainda que a violência é naturalizada pelos estudantes, especialmente na forma do bullying, que se apresenta de maneira sutil no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Violência; Violência Escolar; Estudantes

ABSTRACT

This study presents a field research on the perceptions of students from a High School in Caxias-MA regarding violence in the school environment. Ten first-year students participated in the research. Data collection was carried out through the focus group technique and semi-structured interviews, aiming to understand how students perceive the phenomenon of violence within the educational space. The results indicated that symbolic violence is the most recurrent, manifested through insults, verbal expressions, and prejudiced remarks, while physical violence was the least observed. It was also found that violence is naturalized by the students, especially bullying, which appears subtly in this context.

Keywords: Violence; School Violence; Students

ÍNDICE

Introdução.....	4
1. Violência escolar no brasil.....	6
1.1 A violência escolar.....	6
1.2 O quadro da violência escolar no Brasil	13
1.3 Dados da violência escolar no Brasil.....	14
2. Percepções da violência escolar: olhares de estudantes de Caxias.....	19
2.1 Cenário da pesquisa: o município de Caxias.....	19
2.2 A violência em uma escola de Ensino Médio de Caxias.....	22
3. Análise da violência escolar: impactos e desdobramentos.....	29
3.1 violência escolar e seus impactos.....	29
Considerações finais.....	40
Referências.....	42
Anexo I.....	46

INTRODUÇÃO

A violência escolar constitui-se um fenômeno preocupante, se manifestando em diferentes formas no cotidiano escolar. Conforme Abramovay (2021) trata-se de uma realidade que se materializa nos efeitos causados tanto em quem pratica a violência quanto em quem sofre ou presencia tais práticas. Esse fenômeno possui origem social, individual e histórica, e contribui para a fragilização da escola enquanto espaço de socialização e formação humana, uma vez que produz e reproduz as violências em seu espaço (Abramovay, 2012).

Abramovay e Rua (2002) destacam o crescimento das violências nas escolas do país, evidenciando a frequência dos episódios de violência simbólica, além de agressões físicas e verbais contra os diferentes atores que fazem parte da comunidade escolar.

Partindo dessa análise, a relevância deste trabalho está na necessidade de discutir quais as principais formas de violência escolar presentes em uma escola pública de Ensino Médio do município de Caxias-MA, bem como avaliar a percepção dos estudantes sobre a existência, as causas e potenciais consequências para o ambiente educacional e para o processo de aprendizagem dos indivíduos que sofrem com práticas de violência ao longo da trajetória escolar. Assim, o objetivo desta pesquisa é conhecer, de maneira exploratória e descritiva, as diferentes manifestações da violência escolar em uma instituição pública de ensino médio no município de Caxias – MA, considerando as percepções dos estudantes acerca de suas causas e impactos.

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, buscando compreender as percepções e significados atribuídos pelos sujeitos ao fenômeno da violência escolar. Para tanto, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, grupo focal com um grupo de estudantes, além da discussão dos resultados e observações daí originadas com aportes teóricos de pesquisadores do tema como Miriam Abramovay (2012; 2021), Ângela Soligo (2018), Alba Zaluar e Maria Cristina Leal (2000), Juarez Dayrell (2007).

O presente trabalho tem o objetivo de compreender o impacto da violência escolar sobre os jovens na vivência do espaço escolar, bem como apreender suas percepções acerca das ações violentas presentes na escola, em uma escola pública de Ensino Médio na cidade de Caxias-MA. Para isso, divide-se em três capítulos.

O primeiro delimita violência e violência escolar, além de apresentar o atual cenário brasileiro a respeito das práticas diversas de violências presentes no cotidiano escolar.

O segundo capítulo apresenta as percepções de um grupo de estudantes da Escola Estadual César Marques, localizada no município de Caxias-MA sobre a presença de violências no ambiente escolar. A partir do diálogo realizado em formato de grupo focal, pretendeu-se verificar a compreensão dos jovens sobre a violência no ambiente escolar e perceber como esses estudantes lidam com a problemática da violência escolar.

Por fim, o terceiro capítulo coloca em debate as percepções identificadas no capítulo anterior e a visão de pesquisadores do tema, buscando identificar como os estudantes lidam com a violência na escola, além de mapear possíveis consequências sofridas por esses jovens.

1. VIOLÊNCIA ESCOLAR NO BRASIL

1.1. A Violência Escolar

As violências nas escolas constituem um fenômeno preocupante. De um lado, pelos efeitos que têm sobre aqueles que a praticam, os que sofrem e os que testemunham. De outro, porque contribuem para tirar da escola a sua condição de lugar de amizade, de prazer, da busca de conhecer e de aprender (ABRAMOVAY, 2021)

As violências que ocorrem no ambiente escolar estão para além de agressões físicas, também podem ser expressas nas atitudes hostis sobre outros indivíduos, na exclusão, assim como em atos de estigmatização. Segundo Vieira, há uma categoria que norteia a violência escolar: a violência comunitária. O autor utiliza o tal termo para se referir a jovens nos eventuais atos de violência, “(...) tais atos são intencionais e de cunho psicológico, físico e sexual, envolvendo algum tipo de privação ou negligência, cometidos na forma de estupro ou ataques por indivíduos estranhos (ou não)” (VIEIRA, 2022, p.23).

Para Miriam Abramovay (2021):

Adotou-se uma concepção de violência que incorpora as ideias de brutalidade, de utilização da força ou intimidação e também noções mais relacionadas com as dimensões socioculturais, a “microviolência” ou aquela violência que acontece no dia a dia das escolas (ABRAMOVAY, 2021, p.7).

Filho (2002) já trazia o debate de como a sociedade estava vivendo manifestações de violência, passando a adentrar assim os espaços escolares em suas diversas formas e em todos os níveis.

Agressões físicas, desavenças constantes, repressões, humilhações e exclusões desenharam um cotidiano escolar que nos induz a um entendimento da escola como reflexo da sociedade, sem possibilidades de mudanças internas e forças para contribuir com uma mudança social. [...] Violência é sempre social, nunca natural (2002, pp. 65-66).

De acordo com o Ministério da Educação (MEC) em seu 1º boletim técnico, há quatro grandes dimensões da violência que afetam e trazem impactos diretamente ao ambiente educacional. O primeiro faz referência aos ataques de violência extrema, ou seja, agressões letais, ataques premeditados e intencionais direcionados a instituição de ensino e a comunidade escolar, é o tipo de violência que pode ferir gravemente o indivíduo ou levar à morte. O segundo diz respeito aquelas formas de violências no entorno e nos territórios escolares, trazendo impacto direto na segurança dos estudantes e comunidade local: são exemplos tiroteios e balas perdidas, ocorrências que causam sensação de insegurança e afetam

o desenvolvimento escolar dos jovens. Há ainda às violências intraescolares, que correspondem ao bullying e às violências interpessoais, como a discriminação entre alunos e professores, a exclusão, os insultos e até mesmo a violência autoprovocada. Por fim, a violência institucional, caracterizada pela ausência, no currículo, respeito à diversidade cultural, de gênero ou racial, ou seja, elementos que a instituição de ensino não reconhece ou não promove. Nesse aspecto, “(...) preconceitos institucionais presentes no currículo, no material didático e nas relações pedagógicas” (Queiroz, 2025, p.14) são fatores de maior agravamento do cenário da violência.

Considerando essa divisão e reconhecimento da violência no âmbito escolar, entende-se que a mesma está para além da sua manifestação institucional, uma vez que sua forma social e contemporânea está expressa no “excesso de poder que impede o reconhecimento do outro — pessoa, classe, gênero ou raça — mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea” (Tavares dos Santos et al., 1998), partindo desse entendimento o Ministério da Educação (MEC) observa esses quatro tipos de violência, utilizadas pelos indivíduos como instrumento de poder, seja consigo ou com o outro.

Diante disso Tavares dos Santos considera a violência:

como um dispositivo de excesso de poder, uma prática disciplinar que produz um dano social, atuando em um diagrama espaço-temporal, a qual se instaura com uma justificativa racional, desde a prescrição de estigmas até a exclusão, efetiva ou simbólica. Esta relação de excesso de poder configura, entretanto, uma relação social inegociável porque atinge, no limite, a condição de sobrevivência, material ou simbólica, daqueles que são atingidos pelo agente da violência. (Tavares dos Santos et al., 1998)

Concomitante a isso, evidencia-se o uso das violências expressas nos meios educacionais, visando o discurso utilizado por autores que levam em consideração as facetas e adiante as consequências destas violências, seja de forma física, psicológica, estrutural, entre outros, levando em conta o que acontece dentro da escola e o impacto causado nos indivíduos. Uma vez que a escola é responsável por suas próprias ações, conforme pontuado por Sastre (2010):

O que acontece nesse meio deve ser entendido como fruto da sua própria dinâmica. (...). Se essa escola se manifesta de maneira violenta, cabe a ela mesma encontrar o porquê, o significado dessa violência, seu sentido e suas próprias estratégias de encaminhar esse conflito (2010, p. 69) .

A violência extrema, ou “violências duras” como posta por Angela Soligo (2018), são atos criminosos, o qual segundo Abramovay é um sinal indicando que algo de fato não está certo, diante disso chama-se a “atenção para uma possível ruptura do sistema que não consegue lidar com os conflitos e desigualdades” (2021 p. 14), uma vez que o fator da desigualdade hierarquiza os jovens em todas suas particularidades. A mesma por sua vez “ocorre de fora para dentro das escolas” (Abramovay, 2021), no qual os agressores ou opressores se utilizam desta com o objetivo de intimidar ou amedrontar até mesmo de forma agressiva, seja física ou psicológica, contribuindo para que cada vez mais os indivíduos que sofrem com esses tipos de violência se vejam desmotivados para irem a escola.

Desta forma “(...) A escola passa a ser vista como um lugar desprotegido, dentro do qual se está vulnerável a episódios violentos, especialmente se nela não se pode contar com mecanismos de proteção” (Abramovay, 2021, p. 17), uma vez que esta como instituição educacional e sendo responsável pela formação e aprendizagem dos cidadãos não deveria ser reprodutora de violência, e sim orquestrar formas de lidar com tais práticas em seu meio, entretanto, como apontado por Reis (2021):

(...) nem sempre isso é possível, pois a escola em sua estrutura organizativa, possui suas regras e códigos que não poucas vezes são mecanismos de exclusão, bem como de seleção social, e nesse sentido, ocorre a exclusão, escolhendo alguns e colocando para fora outros (2021 p.45)

Levando em conta que é um fator que vai refletir no dia a dia, tanto na vida social quanto na vivência escolar dos indivíduos, logo, a partir do momento em que a escola idealiza tais comportamentos e a reproduzem, influenciam os jovens que fazem parte deste espaço, ou seja, as experiências vivenciadas por esses indivíduos no espaço educacional são automaticamente reproduzidas fora dela.

Paralelo a isso, as violências também têm suas ocorrências fora ou nos entornos das instituições de ensino. A total falta de segurança para os estudantes é evidente, mudando as suas percepções quanto a ideia da escola como um ambiente seguro. Desta forma, perceber o espaço em que essa instituição se encontra demonstra o nível de seguridade e influência presentes nesse entorno. Essas violências fazem referência, entre outras coisas, ao armamento, tiroteio e balas perdidas, como consequência “Esses episódios não apenas interrompem as atividades escolares, mas também geram um ambiente de medo e insegurança que reverbera para além dos muros das escolas” (BRASIL, 2024, p.21), para além disso, “(..) a violência e a sensação de insegurança comprometem diretamente a educação e o desenvolvimento desses jovens” (BRASIL, 2024, p. 22).

A violência por si só constitui-se um fenômeno histórico “a partir da forma como os homens se organizam na prática social, na materialidade das relações sociais” (Soligo, 2018, p.27). A violência refere-se a força, ao constrangimento e ao uso da superioridade física sobre o outro (Minayo, 2003), sendo uma problemática que se perpetua desde os primórdios, e por estar condicionada a um contexto social, esta pode vir de diversas formas.

Segundo Reis (2021, p. 9):

Para a OMS, a violência é definida partindo do pressuposto do uso intencional de força ou poder físico, ameaçando ou acontecendo de fato, contra si mesmo, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha uma alta probabilidade de resultar em ferimentos, morte, danos psicológicos, malformação ou privação.

O ato da violência reproduzido sobre determinados indivíduos é evidenciado dentre os conflitos gerados entre os mesmos. Com suas práticas crescentes, aponta-se a fragilidade das inter-relações, configurando-se um elemento chave para a ocorrência macro da violência, por essa razão “É preciso compreendê-la dentro de um determinado contexto em que um grupo, uma sociedade, ou uma instituição indica aquilo que suporta e o que não suporta e vai, assim, chamar de violência” (Soligo, 2018, p. 28). Nesse sentido, a violência se molda a partir de valores, de sua construção social ou mesmo das normas estabelecidas na sociedade, assim sendo, a mesma deve levar em consideração os valores sociais e as características individuais de cada ator social.

A violência, em suas múltiplas facetas, “não é causado por um único fator, mas pelo resultado da complexa interação dos fatores individuais, sociais, culturais, relacionais e ambientais” (Campos, 2021, p. 17), sendo considerada o contexto social dos indivíduos. É uma perspectiva que reforça a ideia da violência escolar ser atravessada por dinâmicas de desigualdades sociais históricas, sendo marcadas por relações de poder, as quais são naturalizadas e difundidas historicamente, ao passo que tendem a interpretá-la como algo separado das estruturas sociais.

Nessa mesma perspectiva compreende-se que a violência está na gênese da constituição do indivíduo e da sociedade, como apontado por Souza (2022), ou seja, a medida que a violência se expande, ocupando diferentes espaços esta traz grande influência, se materializando tanto dentro quanto fora das instituições que a compõem, assim como a escola, a qual é permeada de relações sociais. Logo, pensar a violência é reconhecer que ela não é um fenômeno isolado, principalmente quando se pensa dentro do contexto escolar, é

expressamente uma contradição social que atravessa os sujeitos em seu meio e particularidades, juntamente com as práticas educacionais.

A escola, como uma instituição formativa, desenvolve duas principais funções, a primeira diz respeito a transmissão do conhecimento, a segunda refere-se a socialização dos estudantes. Na visão de Pereira (2019), é um espaço de aprendizagem, conhecimento, múltiplas formas de comunicação e socialização entre os diversos atores sociais. Nas palavras de Reis, “no ambiente escolar a socialização faz parte da formação do cidadão, do ser crítico e pensante, atuante em seus direitos e obrigações” (Reis, 2021, p.22), o que ressalta o papel e função da escola para com a sociedade.

Na visão de Filho (2002) “A escola é vista como uma instituição social de natureza contraditória, inserida numa sociedade desigual. A escola possui possibilidades de mudança tanto quanto de manutenção da sociedade onde ela se insere”, ao tempo que “Ela não é o lugar ou a instituição formal em si mesma, mas aquilo que emerge das relações entre os atores que vivenciam a dinâmica da educação” (Sastre, 2010, p. 69)”. É uma ideia que expressa o quanto a escola pode ser tanto o espaço de exclusão e reprodução da violência quanto um espaço de transformação e pertencimento, estando alinhada a ideias de diversos autores que trazem esse aspecto da escola.

O objetivo maior da instituição educacional diante da formação dos indivíduos é destacado por Pereira (2019, p.34) ao frisar que a escola visa:

[...] atuar de maneira formal e especializada por intermédio da implementação de práticas intencionais e sistemáticas, devido à complexidade da vida social, para que os indivíduos fossem inseridos no tecido social, ou seja, nas relações sociais profundas, na coletividade.

Essa perspectiva evidencia a atuação da escola como mediadora do saber, das práticas, das relações sociais entre os indivíduos, bem como a complexidade destas que a envolve, promovendo a intersecção em sua coletividade. Ter essa visão da escola espera-se que não haja qualquer tipo de violência, mesmo em seu entorno, por mais que ela esteja inserida em um contexto marcado inteiramente por distinções, em uma realidade complexa, desafiando seus ideais e normas.

Ainda de acordo com Reis (2021, p.22):

Na escola é a hora do aluno começar a vivenciar, interagir com as diferenças, e nesse contexto saber respeitar e ser respeitado, seguindo as normas e preceitos, aspectos de suma importância, bem como em qualquer grupo ou âmbito social em que ele conviva.

Soligo (2018), entretanto já discutia que a visão desse ambiente educacional como um espaço de interação, convivência e aprendizagem hoje em dia não se apresenta da mesma forma. Por vezes “O espaço escolar (...) é também o espaço da vivência e aprendizagem dos preconceitos e da violência, é também onde cada um aprende seu lugar social em um país marcado pela desigualdade” (Soligo, 2018, p. 12). Entretanto, a escola não apenas ensina, como traz em seu todo a reflexão dos problemas sociais - a violência vivenciada fora dos muros escolares e que por diversas vezes são incorporadas dentro desse espaço - problemas esses que fazem parte das vivências que os indivíduos internalizam por influência, assim como os preconceitos e as desigualdades, levando as suas diversas práticas.

As práticas dessas violências podem se manifestar de forma interpessoal, a qual segundo Campos “(...) é o ato infligido por outra pessoa ou por um pequeno grupo de pessoas, esse tipo, pode produzir danos morais, psicológicos e físicos, inclusive, levar à morte” (2021, p.16). Essas ações reproduzem as exclusões que são permeadas no ambiente escolar, as discriminações, as formas de bullying, sendo manifestações concretas que estão presentes neste espaço, reforçando a ideia do uso do poder, uma vez que tais atos são praticados por indivíduos que se consideram superiores ao outro.

Conforme Minayo (2003 p.43) em relação a violência, expressa que:

Suas formas culturalmente naturalizadas de agressões interpessoais, de discriminações raciais ou contra grupos específicos como homossexuais, de abusos e de dominação contra crianças, mulheres, idosos, deficientes físicos constituem um ambiente sociocultural adverso e, freqüentemente, portador de exclusão e de lesões físicas e emocionais.

Essas formas de violência quando manifestadas no ambiente escolar revelam as formas de reprodução discriminatórias e excludentes das estruturas sociais, sendo parte da naturalização destas práticas dentro das relações e dos comportamentos, das atitudes e práticas sociais (Minayo, 2003).

Considerando o âmbito escolar, as violências que ocorrem em seu meio são também denominadas de intraescolar, logo, pode se manifestar de diferentes formas - sendo física, psicológica, sexual, simbólica, institucional ou verbal - os quais podem envolver alunos, professores e a gestão. Isso é posto em evidência quando o MEC afirma em seu primeiro boletim técnico “As violências fazem parte do ambiente escolar tanto no que diz respeito àquelas que podem ser captadas pelos registros oficiais (...) quanto às violências que se manifestam no cotidiano e são percebidas pelas pessoas ali presentes” (BRASIL, 2024, p. 23).

Segundo Zaluar e Leal (2001) as “violências intramuros” como ela a denomina em confronto com as que ocorrem extramuros, evidencia que as formas de educação tradicional das escolas públicas se revelam insuficientes para impedir as ocorrências de práticas e códigos que são regidas fora da escola, ou seja, a mesma não está habilitada para romper com tais manifestações, tampouco está preparada para conduzir os jovens em sua autonomia pessoal e sua formação moral.

Pensar na perspectiva escolar, é também refletir sobre a violência institucional, que, como aponta Queiroz (2025, p. 13) “(...) engloba práticas excludentes por parte da escola (...)”, se manifestando, ao escolher materiais didáticos que por sua vez não levam em conta questões de diversidade racial e de gênero. Esse mesmo tipo de violência “reproduz estruturas sociais injustas principalmente por meio de suas regras de funcionamento e relações burocráticas” (Pereira, 2019, p. 110), no qual os alunos precisam suportar, estando atrelada à maneira como são tratados na instituição de ensino pela equipe gestora e supervisora, (Soligo, 2018), uma vez que estes são representantes da instituição e detentores do poder, é inevitável que suas condutas sejam legitimadas.

Dentre essas manifestações, destaca-se o bullying, o qual vem a ser um tipo de violência intraescolar, sendo um dos tipos mais recorrentes de violência dentro dos espaços educacionais, o mesmo é posto em evidência por ter uma variação nas formas que essa violência pode se manifestar.

Diante disso, Queiroz (2025, p. 16) o conceitua como:

Intimidação que envolve atos de violência física ou psicológica, caracterizados como agressões intencionais, repetitivas e persistentes. Essas ações têm o objetivo de causar dor, sofrimento e exclusão social. O fenômeno pode se manifestar por meio de ataques diretos, insultos e humilhações no ambiente escolar.

Na mesma linha de visão e para além disso, “O bullying é uma forma de violência que pode ter impactos duradouros na saúde mental e no desempenho acadêmico dos estudantes, além de revelar práticas de exclusão e hostilidade que podem desencadear outras violências” (BRASIL, 2024 p.30). Não obstante, é uma prática que permeia a vida social e o cotidiano da escola, é uma violência silenciosa, sendo geralmente tratada como natural, ou seja, naturalizam essa prática que traz em seu escopo as desigualdades e os preconceitos concretos da sociedade, e que por sua vez são refletidas na escola.

As violências que ocorrem tanto intra quanto extramuros, ou seja, dentro e fora do espaço educacional, suas causas e consequências, são determinados a partir das relações e conflitos entre os indivíduos, havendo diversos aspectos contribuintes para a manifestação

dessas violências -fatores socioeconômicos, institucionais e/ou culturais- isso se dá principalmente entre os jovens (Zaluar e Leal, 2001). De acordo com essas mesmas autoras, é fácil associar a violência a mero instrumento, resultando na minimização do que vem a ser a violência em seu todo, assim sendo, o mesmo acaba por invalidar o poder de dominação entre os que exercem o poder e os que estão sujeitos a ele, assim como a invalidação da percepção de insegurança dos indivíduos dentro da escola e em seus arredores.

1.2. O quadro da violência escolar no Brasil

Não é recente as pesquisas que trazem a violência escolar como panorama central de estudos acerca das conseqüentes ações e manifestações da violência. Conforme Sastre (2010) a produção de conhecimento em relação a essa temática se dá desde 1980, e essas produções, levantamentos e discussões são tidas até os dias atuais, logo, existe uma “profusão de estudos sobre o tema da violência nas escolas e suas manifestações”. O mesmo autor em sua pesquisa “*Panorama dos Estudos Sobre Violência nas Escolas no Brasil: 1980 -2009*”, “revela uma ampliação das pesquisas na área” (Soligo, 2018, p. 25), trazendo um levantamento acerca de trabalhos bibliográficos, artigos e trabalhos científicos que discutem a violência escolar.

Trabalhos entre teses e dissertações, abordando a violência no ambiente escolar eram pouco desenvolvidos no âmbito acadêmico. Ao longo dos anos, com a intensificação das violências, estudos que antes traziam apenas aspectos físicos e punitivos, passaram a abordar diversos outros aspectos, assim como aspectos psicológicos e sociológicos. Com isso os aspectos físicos da violência escolar foram de maior relevância e destaque para muitos pesquisadores, os quais estavam preocupados que a violência estava dando ênfase não apenas aos aspectos sociais quanto individuais (Sastre, 2010).

Ao fazer um recorte disciplinar, o autor analisa que

(...) a maioria dos trabalhos olha para o mesmo fenômeno sem atentar à sua complexidade, mas sim às possibilidades que os instrumentos metodológicos e teóricos que cada disciplina oferece. (...), resultando assim em textos nos quais, ou se faz abstração das características sociais, históricas e culturais ou se faz abstração dos elementos que dizem respeito às subjetividades e estruturas internas dos indivíduos envolvidos em tais experiências. (Sastre, 2010, p. 4).

Visto que todos os estudos analisados por Sastre (2010), identificou-se as dificuldades dos pesquisadores tanto com suas metodologias quanto com seus instrumentos de pesquisa

que desse abertura o suficiente para haver uma aproximação entre pesquisadores e estudantes, isso se dá por serem poucas as pesquisas que se preocupam com esse público.

Ângela Soligo é uma das principais contribuintes para produção de pesquisas sobre a violência no ambiente escolar. Em seus trabalhos, a mesma traz uma abordagem que coloca em destaque a questão do preconceito, racismo, discriminação e a inclusão nesses espaços escolares. Desta forma, em sua obra *“Violência e preconceitos na escola: Contribuições da Psicologia”*, Soligo busca

analisar, contemplar dialeticamente, condições objetivas e subjetivas que produziram e têm produzido esses fenômenos nas escolas brasileiras, na perspectiva multidisciplinar, elaborando análises que evidenciam os elementos centrais da produção sobre o tema, conferindo a eles a necessária visibilidade (...) (2018, p. 26).

Em seus levantamentos e análises, assim como Sastre, a autora busca colocar em evidência a sistematização das produções intelectuais referente a violência escolar, especialmente as produções brasileiras. A partir disso, ambos os autores apontam que as produções nacionais eram por diversas vezes desconhecidas, sucedendo-se por não haver registros ou divulgação desses estudos, logo, os pesquisadores desse fenômeno acabavam por recorrer às produções estrangeiras. Consequentemente não havia uma forte base teórica nacional consolidada o suficiente que pudesse sustentar as análises da violência escolar.

Em suas análises bibliográficas, Soligo identificou que diversos autores apontam para uma mesma vertente ao que se refere a violência escolar, ou seja, as diversas formas de expressão do fenômeno da violência, passando a ser vista como “(...) um dos indicadores de preconceito ou como a faceta mais forte e visível da discriminação. (...) tal fenômeno também estaria, nos estudos levantados, relacionado à desigualdade social e à pobreza” (Soligo, 2018, p. 77).

O conceito deste em diversos estudos feito por pesquisadores incorporam a compreensão de que a “violência é parte inerente das práticas escolares”, desta forma, os pesquisadores passam a estabelecer uma relação determinista da violência e escola a partir da visão que tem do fenômeno, uma vez que “a violência passa a ser diluída no cotidiano da escola e deixa de ser um problema social, passando a ser mais um componente do já imbricado ambiente caracterizado por inúmeras facetas interativas”, (Soligo, 2018, p. 78).

Minayo (2003), por sua vez se debruça sobre a questão da violência sob a ótica da saúde, especialmente na década de 90, no qual houve um aprofundamento teórico do fenômeno, “permitindo uma compreensão maior do seu sentido e das possibilidades de

intervenções governamentais e socioculturais”. Entretanto, a autora aponta que os trabalhos nessa área eram limitados, pois diversos pesquisadores descreviam e apresentavam propostas de intervenções, soluções que pudessem reduzir ou cessar o avanço da violência, porém não se preocupam em aprofundar as problemáticas referenciais do fenômeno.

Segundo a mesma autora, é ressaltado que o verdadeiro aprofundamento teórico sobre o tema na época se deu a partir de uma “melhor especificação e diferenciação dos tipos de violência dominantes e pelas distinções e formas como acometem grupos particulares e a sociedade brasileira como um todo” (Minayo, 2003, p.25). Permitindo a partir dessa abordagem contribuir para uma visão da violência mais crítica, multifacetada e complexa, apresentando uma visão da origem sócio-histórica e subjetiva desse fenômeno (Minayo, 2003).

Nesse sentido, é fundamental entender que violência está inserida em um contexto de desigualdade social, das relações de poder existentes que são refletidas socialmente e no ambiente escolar, assim como em um contexto institucional de práticas excludentes, como apontado por diversos autores que trazem a abordagem da violência.

A violência escolar vai tendo cada vez mais notoriedade à medida que suas práticas vão tomando maiores proporções, ou seja, o crescente aumento da violência nos ambientes escolares torna visível a necessidade de um estudo aprofundado sobre essa problemática. Diante disso, os trabalhos produzidos e os dados levantados são de grande contribuição para a compreensão de um fenômeno tão complexo quanto a violência, logo, são pesquisas que apontam para a análise da violência escolar para além dos reflexos de conflitos sociais.

1.3. Dados da violência escolar no Brasil

No Brasil, nos últimos dez anos, episódios de violência escolar têm se intensificado, não apenas agressões físicas, mas também o bullying, discriminação, a exclusão e o preconceito.

Será apresentado aqui dados recentes que evidenciam a elevação nos casos desse fenômeno, tendo como base o levantamento do “Atlas da violência”, o qual é publicado anualmente pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), com o objetivo trazer análises e diagnósticos em evidências observáveis, mapeando os principais indicadores de violência no Brasil e o 1º Boletim Técnico “*Escola que Protege: Dados sobre Violências nas Escolas*” divulgado pelo Ministério da Educação (MEC), lançado em 2024, o qual traz um panorama com dados oficiais acerca das múltiplas expressões de violência, trazendo como

fontes: o Saeb e o Censo Escolar; PeNSE; IBGE; MS; Sinan e IBGE, sendo fundamentais para a compreensão dos aspectos sociais e emocionais que afetam tanto a segurança quanto o clima na escola, a partir de 2001.

Segundo o Atlas de 2024, os homicídios no Brasil contra os jovens na faixa entre 15 e 29 anos é representado por 49,2% de vítimas do total de 46.409 casos de homicídios reportados oficialmente, esses dados revelam a exposição dos sujeitos em meio às violências letais. Considerando os anos de 2012 à 2022 foram exatamente 321.446 vítimas de violência letal no país, número que indica o percentual de vidas retiradas por armas de fogo - considerando 83,8% dos adolescentes mortos por esse objeto-, instrumentos perfurantes e objetos contundentes, instrumentos utilizados nas chamadas “violências duras”.

O panorama do boletim técnico indica que desde 2001 à 2024 foram contabilizados 43 ataques de violência extrema contra escolas brasileiras, vitimando 168 pessoas, sendo 115 feridos e 53 vítimas fatais. Porém, em 2019 houve um crescente aumento nos casos de violências extremas, se elevando nos anos de 2022 e 2023, “período em que ocorreram 10 e 15 ataques, respectivamente” (BRASIL, 2024), os ataques violentos às escolas causou/deixou 9 mortos e 29 indivíduos apenas em 2023.

O boletim técnico aponta que nesses ataques foram utilizados diversos instrumentos, dentre esses, armas de fogo, armas brancas, entre outros tipos. As armas de fogo foram usadas em 19 ataques, armas brancas em 20, outros armamentos foram utilizados em 4 ataques. A utilização de armas de fogo é a que mais mata, uma vez que de 11 indivíduos que tem sua vida ceifada, desses, 9 são por disparos. Nessa perspectiva, em 2023, foi estimado que “12,6% das escolas brasileiras sofreram ameaça ou tentativa de ataque nos 12 meses anteriores à pesquisa (isto é, 12,6% do total, ou 16.506 escolas)” (BRASIL, 2024).

No contexto brasileiro, ao longo dos onze anos de análise (2013-2023), os 312.713 homicídios de jovens resultaram em uma perda de 14.788.282 anos potenciais de vida, de acordo com o APVP. Os acidentes, como a segunda causa mais frequente de mortes entre os jovens, foram responsáveis por 7.285.862 anos potenciais de vida perdidos, enquanto os suicídios totalizaram 1.828.196 anos potenciais de vida perdidos. (IPEA; FBSP, 2024, p. 30).

Os dados do Atlas indica o crescente aumento nos episódios de violência interpessoal no ano de 2023, estando diretamente relacionada a fatores psicológicos e sociais (automutilação, autopunição, ideação suicida, tentativas de suicídio e suicídios), o qual abrange desde o espaço familiar ao comunitário, chegando a 13,1 mil vítimas.

No boletim técnico constata o número de 13.117 afetados pela violência interpessoal nas escolas do país apenas em 2023, dentre essas vítimas 2.204 referem-se a violência autoprovocada, registros que indicam por si só a complexidade das relações e da emoção vivenciada por esses atores no contexto escolar. Ao fazer o levantamento entre 2013 a 2023, o boletim contabilizou 60.985 indivíduos afetados pela violência interpessoal nas escolas, havendo notificação de 9.437 vítimas de violência autoprovocada. São números expressivos, nos quais ao longo do período de 10 anos contou com o aumento de 247,8% nos casos de violência interpessoal, entretanto os casos de violência autoprovocada tiveram um aumento bem mais significativo correspondendo a 954,5% em todo o registro.

Com o recorte temporal de dez anos, o Atlas da violência constatou o crescente aumento de agressões auto-provocadas em 95 vezes a mais, considerando o índice percentual de 2,2 mil registros. É uma crescente que revela a ausência de políticas públicas, assim como o preparo da gestão escolar para lidar com a dinâmica da violência nesses espaços e seus discursos e práticas de ódio.

O levantamento das violências em 2024 traz indicadores das barreiras estruturais e sociais. As estatísticas apontam um avanço da violência que reflete a realidade social brasileira, que por sua vez está cada vez mais presente nas instituições educacionais. Com isso, os jovens estão propícios a vivenciar e presenciar todos os tipos de violência que estão presentes nesse espaço. Dentre essas violências destaca-se o bullying, agressões físicas, discriminação, violência autoprovocada etc.

(...) cada tipo de violência apresenta predominância relativa distinta entre as faixas etárias, sugerindo uma transição do tipo de violência prevalecente ao longo da vida. Nos onze anos analisados, (...) adolescentes são as principais vítimas de violência física (59,3%) (IPEA; FBSP, 2024, p. 34).

Outro destaque são as violências intra-escolares, as quais podem ser físicas, psicológicas ou mesmo sexuais, sendo esses os casos de maior ocorrência e notificação. Logo, o boletim expressa a violência física em 6.558 casos, ou seja, 50% de todos os registrados. Sendo 3.123 vítimas de violência psicológica, percentual de 23,8%, e a violência sexual com um total de 3.033 vítimas, ou seja, 23,1% dos casos registrados. Para além, as práticas bullying são frequentes no espaço escolar, apenas em 2021 os casos bullying foram de 46%, assim como a discriminação, sendo 25,9% dos casos, a depredação do patrimônio escolar 21,6% e roubo ou furto 13,7%.

Os dados do Atlas escolar indicam ainda que 9.936 jovens são afetados diretamente pela violência institucional, um percentual de 3.3%. Uma vez que esta violência torna a escola por muitas vezes um espaço excludente e hostil, mesmo que esse deveria ser um espaço de aprendizado e convívio.

Segundo os dados do boletim técnico, quanto às violências externas, ou seja, as que ocorrem nos entornos ou nos territórios, “(...) 669 escolas brasileiras tiveram o calendário escolar interrompido, em 2021, devido a episódios violentos, representando 0,9% das instituições de educação básica pesquisadas no país”. Diante disso, 1.295 (1,7%) escolas relataram episódios de tiroteios ou bala perdida durante o ano, desse índice “(...) 1.205 (93,1%) se localizam em perímetro urbano”. (BRASIL, 2024, p. 20). Um outro destaque é a proporção de alunos que em 2019 deixaram de ir à escola por falta e sensação de insegurança no trajeto da escola, apontando para 11,6% de estudantes, e pela mesma motivação, dentro da própria escola ocorreu uma ausência de 10,8% de estudantes.

A partir dos dados levantados no Atlas da Violência e no Boletim Técnico manifesta-se a crescente manifestação da violência no ambiente estudantil, sendo condicionada a aspectos individuais e coletivos. Essa realidade, coloca em evidência a necessidade do reconhecimento dos diversos fatores que condicionam e sustentam a violência, pois segundo Soligo (2018) tanto na realidade educacional quanto na social, as dinâmicas de preconceito, discriminação e os atos de violências tornaram-se cada vez mais explícitas devido a intensificação dessas manifestações nos últimos anos.

2. PERCEPÇÕES DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: OLHARES DE ESTUDANTES DE CAXIAS

2.1 O Cenário da pesquisa: o município de Caxias-MA

O município de Caxias “é composto por um extenso território que está dividido entre zona urbana e rural (...)” (Lima *et al.*, 2020, p. 17), encontra-se localizado no estado do Maranhão - um dos 217 municípios, no meio norte do país -. Em termos populacionais, a cidade ocupa a 5ª posição do estado e a terceira posição de maior cidade do Maranhão em território (Lima *et al.*, 2020). O município conta com uma população de aproximadamente 156.973 habitantes segundo os dados do IBGE divulgados em 2023 - o censo demográfico foi realizado em 2022 -, entretanto, podendo chegar a 163.546 habitantes no ano de 2025, estando entre os 10% mais populosos do país.

Segundo o IEDE (s.d), da população total, 34,1% recebem o Bolsa Família, sendo que 17,5% dos habitantes a partir dos 15 anos não são alfabetizados. No entanto, a cidade vem apresentando um avanço significativo na redução da pobreza e taxas de desemprego, mesmo que ainda enfrente alguns desafios estruturais como a desigualdade educacional. Isso fica evidente na taxa de analfabetismo, sendo de 17,5% entre os jovens de 15 anos ou mais (IEDE, s/a).

No âmbito educacional, o estado conta com 11.639 escolas de educação básica, dividido entre a rede municipal e estadual, no qual a primeira é responsável por 81,6% das escolas, e a segunda por 9,1% das instituições de ensino (INEP, 2021, p. 51). A cidade de Caxias, por sua vez, possui 228 escolas, entre públicas e privadas, no qual 17 instituições são privadas, 18 da rede Estadual e 217 escolas do município. Destacando que nem todos os bairros da cidade possuem escolas, assim como as várias áreas rurais, logo, muitos alunos precisam se deslocar para obter uma educação escolar (Escolas, s.d).

O fator socioeconômico influencia significativamente a questão educacional, uma vez que no município de Caxias segundo (IEDE, s/a) a aprendizagem dos indivíduos com um baixo nível socioeconômico é muito baixa - em 2023, 17,2% não apresentavam um bom nível de aprendizagem - em relação àqueles que têm um nível socioeconômico elevado, composto por 27,8%.

Mesmo que não chegue a 50%, ainda é considerado um bom resultado, visto que os indivíduos de baixa renda não chegam a 20% dos que veem a ter uma aprendizagem adequada. Além da influência educacional, a questão socioeconômica permite que as violências cometidas sejam proporcionais à realidade social e estrutural das comunidades,

atingindo principalmente indivíduos com uma certa desvantagem socioeconômica (Tavares e Pietrobon, 2016, p. 473).

As desigualdades sociais refletidas economicamente e educacionalmente, quando aliadas à falta de uma educação de qualidade, são fatores que influenciam a ocorrência das violências no espaço educacional (Santos, 2022). O município de Caxias não está isento desta realidade, uma vez que se depara com circunstâncias similares.

São características sociais que refletem o cenário atual tanto da cidade quanto do estado, considerando o avanço das violências. Tornando-se um contexto importante para evidenciar a violência existente nas instituições de ensino da cidade – tida por violência física, psicológica, intimidação, etc. entre alunos, professores e alunos – refletindo o contexto urbano e os desafios que as escolas enfrentam. Entretanto, as violências causadas no espaço educacional não envolve apenas o poder público, mas a família, a escola e a própria comunidade devem estar diretamente envolvidas.

O Estado do Maranhão está entre os 10 estados mais violentos do país, no qual de 100 mil habitantes há taxa de 27,6 homicídios (IPEA, 2024). O número de mortes violentas registradas no estado é superior à média nacional de casos a cada 100 mil habitantes, ou seja, 27,1 casos são registrados em todo o estado, enquanto nacionalmente o número chega a 24,5 (IPEA, 2024). Tendo um aumento de 40% no primeiro trimestre, a capital - São Luís - e municípios vizinhos têm sofrido com os atos de violências, como consequência diversas redes de ensino foram obrigadas a suspender as aulas, logo, a onda de violência gera insegurança e medo nos estudantes (G1-Ma, 2025).

Nesse sentido, como apontado por Zaluar e Leal (2001), “Esse aumento de mortes violentas não pode ser atribuído a “causas” determinantes, mas sim à interação de diversos aspectos que contribuem, na sua sinergia, para estimular a violência, principalmente entre os jovens” (2001, p.146). As mesmas autoras reforçam que “esse quadro indica a necessidade de examinarmos com mais cuidado as relações entre violência e educação, mais particularmente entre a violência dentro e fora da escola, bem como a educação oferecida dentro dela” (2001, p. 147). Podendo, a partir disto, evidenciar a necessidade de enfrentamento das desigualdades e exclusão na área educacional, do contrário, as vulnerabilidades das comunidades e entornos tendem a se perpetuar, e, consequentemente adentram ao ambiente escolar.

Segundo o portal Imirante (2024), os casos de violência escolar na cidade de Caxias-MA duplicaram em quatro anos. Apenas em 2022 em todo o Estado registrou-se 53 casos de violência que ocorreram dentro do ambiente de ensino, um aumento de 89,3%, visto que 2018 foi registrado apenas 28 casos nas escolas do Maranhão.

No Maranhão, foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan/SES), a partir das fichas de notificação individual de violência interpessoal/autoprovocada, 170 casos de violências interpessoais e autoprovocadas no ambiente escolar. Os dados são do período de 1º de janeiro de 2018 a 31 de dezembro de 2022, sendo 28 casos no ano de 2018; 47 no ano de 2019; 17 no ano de 2020; 21 em 2021; e 57 em 2022 (MARANHÃO, 2023).

A cada 100 mil habitantes, a cidade apresenta 44,6 casos de homicídios (IPEA, 2024), a maioria das vítimas são jovens e de baixa renda, leva-se em consideração o espaço e o ambiente em que estes se encontram.

Segundo Reis (2021) “É evidente que crimes de roubos, assaltos, sequestros e corrupção têm ligação com a vulnerabilidade social e econômica de uma comunidade, nesse contexto ocorre uma relação com os sujeitos da escola, incidindo na violência escolar” (2021, p. 52). Portanto, é notório que os aspectos da violência não se distinguem das dinâmicas sociais, pois:

Estes aspectos de fragilidade econômica e social acarretam um descompasso nas relações entre as pessoas, em que ser violento ou agir com violência é o normal daquela comunidade, deixando o diálogo, a paz, como uma opção secundária na resolução de conflitos (Reis, 2021, p.91).

Uma vez que as violências adentram o espaço educacional, podem vir de diversas maneiras. Na cidade de Caxias-MA

Entre os tipos de violências mais frequentes estão: a violência física em maior proporção, as autoprovocadas (tentativas de suicídio e autolesão), a psico/moral (xingamentos, bullying, humilhação, assim como atitudes que abalam a autoestima da vítima) e a sexual (Imirante, 2023).

Desta forma, conforme Carvalho (2022, pp.31-32), as violências que ocorrem nas instituições de ensino, é um fator que prejudica diretamente o processo de ensino aprendizagem dos estudantes, uma vez que interfere na rotina da escola e no dia a dia dos alunos. No qual, muitas escolas estão inseridas em um contexto que por vezes são afetadas por suas próprias dinâmicas. Decorrente de um processo educacional por diversas vezes precarizado, sem garantia de uma educação adequada e eficiente, logo, o ambiente de vulnerabilidade dos estudantes, a discriminação e desigualdade, que acometem a cidade, são meios para a ocorrência das violências, as quais por fim adentram os espaços de ensino. São aspectos influenciados pela violência externa, ou seja, a violência urbana que ocorre na cidade são automaticamente direcionadas para o espaço de ensino.

Para além disso, o aumento constante dessas violências pode ser mensurado a partir dos indicadores que revelam as taxas de crescimento da violência nas instituições de ensino da cidade, uma evidência de que esses atos não acontecem de maneira isolada, ou seja, “A violência não se restringe aos fenômenos sociais ela também está presente nas relações que se estabelecem no interior das escolas, sendo que dentro destas, assume formas e conotações próprias”, configura-se desta forma como um fenômeno estrutural preocupante (Carvalho, p. 29)

Concomitante a isso, Santos (2022, p. 21) ressalta que

Pelo fato de situações de violência escolar serem crescentes, acaba se tornando algo natural, diminuindo assim a conscientização por parte de órgãos públicos ou até mesmo na escola. Esse fato acontece entre os alunos, pois eles acreditam que esse tipo de violência seja algo natural que acontece na fase escolar e que futuramente irá passar, quando eles terminarem o colegial, esquecendo os danos que o bullying pode causar na vida posteriormente.

Para colocar esses aspectos em evidência, a pesquisa aqui presente, foi realizada em uma escola pública do Estado, localizada em um dos bairros periféricos da cidade de Caxias-Ma. Contando com a participação de 10 alunos do 1º ano do turno matutino. Foi utilizado um questionário (Anexo A) como instrumento de coleta de dados, para que pudesse ser identificado os tipos de violência mais recorrentes na instituição sob a visão dos diferentes atores sociais que estão envolvidos no contexto da escola.

Sendo possível compreender os aspectos da violência e de que maneira esta se manifesta nesse ambiente, assim como as consequências desse fenômeno, o qual por muitas vezes é refletida nas inter-relações sociais, ou seja, as relações que se estabelecem entre os alunos e outros, atingindo o âmbito escolar e desta forma interferindo no ensino aprendizagem dos jovens.

2.2 A violência em uma escola de Ensino Médio de Caxias

Decorrido a discussão da violência escolar no contexto nacional, faz-se necessário discutir o cenário da violência no âmbito local, analisando de que forma o ato da violência se apresenta no contexto local, uma vez que a dinâmica muda de espaço para espaço. Diante disso, apresenta-se a escola na qual esta pesquisa se faz presente.

A referida instituição funciona nos três turnos com aproximadamente 525 alunos com base no censo de 2024, estando localizada em um bairro periférico e distante do centro, abrigando um contexto socioeconômico permeado de vulnerabilidades e desigualdades.

Para a realização da pesquisa, foi utilizado o grupo focal como técnica para a coleta de dados com os estudantes, tendo um roteiro semiestruturado (Anexo I), com questões norteadoras para se chegar ao resultado obtido. Segundo Trad (2009) esta é uma técnica que consiste na coleta de dados qualitativos com um determinado grupo, com a finalidade de coletar informações por meio das interações, ou seja, é uma forma de entrevista baseada na interação e comunicação entre o pesquisador e grupo pesquisado. O principal objetivo desta técnica é reunir detalhadamente informações sobre um determinado assunto, a partir do grupo de participantes, buscando “colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços” (Trad, 2009, p. 780). Ao optar pelo grupo focal como principal método de coleta de dados, foi possível captar percepções e experiências do conjunto de discentes do ensino médio participantes da pesquisa sobre as formas de violência por eles identificadas no ambiente escolar.

Este trabalho é de caráter qualitativo e se debruça na percepção de estudantes de ensino médio de Caxias-MA sobre a violência no ambiente escolar. Foram utilizadas 11 perguntas norteadoras da pesquisa, voltadas para a percepção dos participantes sobre a existência e prática de formas de violência presentes na escola. O roteiro foi um instrumento importante na pesquisa para analisar a percepção dos participantes sobre os tipos de violência que ocorrem com maior frequência no ambiente escolar, assim como apontar as consequências que a violência causa na vivência escolar dos jovens.

O grupo focal foi realizado em um encontro com um conjunto de 10 alunos do 1º ano do ensino médio, a quantidade de alunos possibilitou a participação efetiva de todos os participantes, com uma discussão apropriada do tema proposto, com uma duração de cerca de 50 minutos. O grupo foi composto por 3 (três) participantes do sexo feminino e 7 (sete) do sexo masculino. Destes, 7 (sete) não residem em Caxias, tendo que se deslocar dos interiores para a escola mais próxima nos ônibus disponibilizados pela prefeitura municipal.

Observa-se que todos os participantes têm um perfil socioeconômico semelhante, sendo famílias de baixa renda, e que por diversas vezes se limitam ao uso de serviços públicos, como o meio de transporte utilizado por eles, o que reflete diretamente a realidade da comunidade local e proximidades. Uma vez que a escola pesquisada está inserida em um bairro considerado periférico.

Quando se coloca em discussão as violências que ocorrem no espaço escolar, especificamente na escola na qual foi desenvolvida a pesquisa, as perspectivas e compreensões das violências acometidas nestes espaços não se distanciam, evidenciando a naturalização dessas práticas dentro do espaço escolar, principalmente quando muitas dessas são vistas como meras “brincadeiras”, sendo perceptível em algumas falas dos atores que participaram desta pesquisa. As respostas obtidas trouxeram os diferentes sentidos sobre as diversas formas de violência que ocorrem dentro do espaço educacional e ainda nas relações que se estabelecem nesse ambiente.

De modo geral, os participantes percebem que as violências no espaço escolar que frequentam ocorrem sob as formas de xingamentos, bullying, agressão física e verbal. Assim, afirma (estudante d): *“Para mim já é a brincadeira que já vai ao ponto da pessoa não está mais gostando. Aí tem a pessoa que sai da brincadeira e do nada já quer ir para agressão, não é física, mas sim verbal. Começa leve e termina no pesado”*. No mesmo sentido, relata (estudante f): *“É, já começa pelo bullying, aí depois desenvolve transtornos mentais, desses transtornos mentais pode conter raiva, ou então depressão, aí se for raiva, vai ter aqueles conflitos que pode gerar a violência e pode levar até a morte”*. Ou, ainda, como observa (estudante j): *“Tem várias coisas. Começa pela brincadeira, xingamento, fazer bullying e várias coisas”*.

As concepções levantadas pelos estudantes, demonstram que a violência está expressa não apenas fisicamente, mas também em atos verbais. Ou seja, ela perpassa as relações no ambiente escolar em suas diversas formas, sendo observadas pelos alunos e internalizadas no espaço educacional. Tais formas de violência, de acordo com suas percepções, ocorrem, sobretudo, dentro do ambiente da sala de aula, “nela ocorre uma complexa trama de relações de alianças e conflitos entre alunos e entre estes e os professores, com imposições de normas e estratégias individuais e coletivas de transgressão” (Dayrell, 2007, p. 1121).

Dentro desta perspectiva, 40% dos estudantes veem a violência escolar muitas vezes como brincadeira, entretanto, conforme Costa (2018, p.22), “As formas de brincadeiras são construções socioculturais”. Nesse sentido, conforme Soligo (2018) às concepções sociais e culturais estão vinculadas a um caráter histórico, o qual, por sua vez, se constrói e reproduz ao longo do tempo no espaço educacional. Observação que permite compreender que vivemos em uma sociedade que “alimenta atos violentos entre os indivíduos, com condutas intolerantes e desrespeitosas perante o outro, disfarçadas de brincadeiras” (Costa, 2018, p. 22). São esses aspectos que tornam a escola o espaço de reprodução da violência, uma vez que “a escola é o reflexo da sociedade” (Costa, 2018, p. 20).

Nesse contexto, Miriam Abramovay (2021) expressa que a escola produz suas próprias formas de violência, seus tipos e níveis, refletindo no dia a dia do ambiente, ou seja, a instituição não reflete somente as violências que são tidas fora dela. Essa mesma perspectiva é posta por Zaluar e Leal (2001) quando colocam que “a escola está tomada pela violência física extramuros, gerando dificuldades para que se produzam os efeitos esperados pelos teóricos do poder simbólico” (2001, p.151). Tais efeitos referem-se, segundo Bourdieu e Passeron (1992), especificamente na função da escola, que consiste em reconhecer e transmitir determinados conhecimentos - culturais e sociais - os quais são socialmente legitimados. Além disso, a escola tem sua contribuição ‘para reproduzir a integração intelectual e a integração moral’ desempenhando um papel central na formação dos indivíduos.

As medidas disciplinares tomadas pela instituição diante dos conflitos entre os alunos, como as várias formas de violência que ocorrem no ambiente escolar, variam conforme a gravidade dos atos, indo desde conversas até suspensão temporária. Alguns alunos relataram que não viram qualquer medida tomada pela instituição em determinadas situações, outros relataram a aplicação de castigo, a prática de chamar os pais na escola ou mesmo ameaça de transferência. Tais medidas apontaram para a tentativa de a escola continuar mantendo a ordem no local, uma vez que ela possui suas próprias regras, ainda que de maneira inconsistente.

Nesse sentido, Abramovay (2012, p. 37) afirma que “devido à qualidade reguladora exercida pelos preceitos normativos sobre as relações sociais, a ruptura da regra é percebida como desestabilizadora e, por isso, atribui-se legitimidade à sanção negativa, a punição”. Em consonância com essa perspectiva, a autora reforça que “medidas restritivas e punitivas parecem ter perdido sua eficácia, colocando discentes, (...) em situação de insegurança e impotência face à inoperância dos recursos previstos para a diluição dos comportamentos agressivos na escola (Abramovay, 2012, p. 37). Além disso, “vale ressaltar que instituições que se pautam pela severidade das punições podem criar formas subterrâneas de agressividade e, portanto, incitar os jovens a testar os limites estabelecidos” (Abramovay, 2012, p. 40), sendo necessário que as instituições de ensino busque alternativas e estratégias que lide com as violências neste espaço que atravesse a lógica da punição, embora a punição possa ser vista como uma ação necessária para manter o equilíbrio e respeito entre as partes.

Seguindo os questionamentos propostos, 30% dos alunos já sofreram algum tipo de violência, especificamente o bullying. 40% dizem já terem praticado o mesmo tipo de violência, dentre esses estão inseridos alunos que já foram vítimas. O bullying, como

observado e relatado pelos sujeitos da pesquisa, é o que ocorre com maior frequência na escola, sendo manifestado por: xingamentos, apelidos nos colegas, as “brincadeiras”. Essa constatação faz diálogo com Zaluar e Leal (2001, p. 151), as quais destacam que

(...) a violência psicológica suposta em qualquer atividade pedagógica precisa ser melhor delimitada para que não se confunda a socialização necessária ao viver em grupo com o esmagamento e o silenciamento daqueles que deveriam estar sendo formados para se tornarem sujeitos com capacidade de argumentação na defesa de seus pontos de vista e interesse.

Essa análise ajuda a compreender as práticas de violência, como o bullying mesmo sendo naturalizado na sociedade e ambiente escolar - tido como meras “brincadeiras” - se configuram em um contexto que afeta diretamente a formação dos alunos e em seu processo de ensino aprendizagem.

Além do bullying, 80% dos alunos já presenciaram outros tipos de violência como racismo, ameaças e discriminações. Também foram relatadas agressões no entorno da escola entre alunos da instituição. Geralmente as vítimas dessas violências são, conforme Costa (2018, p. 25),

[...] aqueles que apresentam comportamento tímido, frágil, medroso, são alvos fáceis para servir de objeto, pois o agressor entende que o outro não revida, nem tem intenção de denunciá-lo. Assim como também aquele que reage diante das agressões, mas, não tem estrutura física nem mental para enfrentar o agressor, acaba com algumas atitudes sofrendo mais agressões.

Essa concepção fica evidente na fala do aluno (estudante j) quando relata que “*A rapaziada do fundão geralmente são as que fazem com os da frente brincadeiras que já passam dos limites*”. Conforme Soligo (2018, p. 92) as violências por serem múltiplas, trazem consigo diferentes consequências, de modo que “(...) a vivência da violência e do preconceito pelo aluno produz sofrimento psíquico e físico, impede ou dificulta os processos de aprendizagem, tornando-se obstáculo para que a escola realize sua tarefa – o ato de educar”. Entretanto, na percepção dos estudantes que participaram da pesquisa e que já sofreram algum ato de violência, apenas um afirmou que tal experiência interferiu diretamente em seu desempenho na escola e na vivência dentro desse ambiente.

Outros pensaram sob a perspectiva de colegas vítimas de violência, destacando que: “vai interferir no desempenho da pessoa porque ela pode desistir dos estudos, se afastar muito da escola” (estudante d), ou, ainda, que “eu acho que depende do psicológico da pessoa, mas pra mim não interfere em nada não” (estudante i). Desta forma, observa-se que 50% dos

participantes acreditam que a violência não interfere de forma alguma nem na vivência escolar dos jovens e nem no processo de ensino e aprendizagem desses.

Para esses estudantes, a violência dentro do espaço escolar se dá principalmente por conta da cor da pele, a questão da aparência, as diferenças e mesmo a sexualidade. Assim como a sociedade faz uma classificação de quem é considerado superior e inferior pela cor da pele e por meio de traços de cada indivíduo (Abramovay, 2021), estas “hierarquias” sociais passam a ser um aspecto que se materializa dentro do ambiente de ensino. Considerando que a sociedade contribui para o processo de produção e reprodução da violência nestes espaços, constituída por relações sociais e marcada pela desigualdade e discriminação (Abramovay, 2021).

A partir destes aspectos, os estudantes tendem a reproduzir tais ações em suas relações cotidianas no contexto escolar. Uma vez que a escola se abstém de compreender e perceber as violências que estão sendo veladas no ambiente, reforça que as “(...) ações e omissões do sistema escolar que podem contribuir para prejuízos na aprendizagem do aluno, influenciando negativamente seu processo de construção da identidade dos adolescentes e jovens” (Abramovay, 2021, p.10). Isso ocorre porque a instituição de ensino muitas vezes desconhece os casos de violência que ocorrem no ambiente, como exemplificado na fala dos alunos: “eles não sabem que eu sofri bullying”.

É fundamental compreender a forma como esses atores que estão inseridos nesses espaços lidam com as violências, uma vez que esta pode causar consequências profundas e diversas. Tais consequências se dão especificamente pelas práticas que estão presentes no dia a dia do espaço educacional (Abramovay, 2021). Observa-se que, embora nem todos os participantes tenham se identificado como vítimas de violências no espaço escolar, muitos deles já presenciaram algum episódio de violência, e a partir disto refletiram sobre como lidariam com tal situação. Nesse sentido, 70% afirmam que, ao se depararem com atos violentos no espaço escolar, optam por não se envolver: “não interfiro, deixo para lá dependendo da situação” (estudante d) ou “não interfiro, não faço nada, fico só guardando” (estudante e).

Destaca-se a fala de dois estudantes: O (aluno b) afirma que sua forma de lidar é em forma de “contra-ataque”, explicando: “lidar assim, deixar de mão, deixar pra lá. Até um certo ponto, porque a pessoa se irrita, tem ali um certo limite. Com outra pessoa não interfiro, só deixo acontecer”. Já o (aluno h) ressalta que busca diferenciar a violência com os momentos de descontração com os colegas “eu diferencio esse tipo de coisa com resenha. A

gente fica só na molecagem de vez em quando, mas quando eu vejo que a coisa sai do controle eu fico pê* da vida”.

As falas dos estudantes evidenciam a naturalização do fenômeno da violência no espaço educacional, seja pela passividade, seja pela forma como os alunos optam pela não interferência, evidencia-se, assim, o mecanismo da violência simbólica, conceito que na perspectiva de Bourdieu a violência simbólica manifesta-se por meio de “[...] instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra [...] dando o reforço da sua própria força que as fundamentam e contribuindo assim, [...] para a domesticação dos dominados” (Bourdieu apud Zaluar e Leal, 2001, p.149). Define-se como “aquela violência que se configura por meio da utilização de símbolos – em particular da linguagem – que seduzem as vítimas, tornando-as cúmplices da violência que sofrem, sem que se deem conta do fato” (Bourdieu apud Abramovay, 2012, p.47.)

Essas características propostas reforçam como tais comportamentos contribuem para a naturalização dessas práticas de violência no dia a dia da escola. Na escola, essa violência se materializa nas relações de dominação (Abramovay, 2012). Nesse sentido, a dimensão da violência escolar é compreendida como “a violência que se exerce também pelo poder das palavras que negam, oprimem ou destroem psicologicamente o outro” (Zaluar e Leal, 2001, p.148). Desse modo, observa-se nas respostas dos estudantes que a aceitação das violências na escola tornam-se perceptíveis justamente pela ausência de consciência dos estudantes quanto às suas consequências. As “brincadeiras” não se configuram como interações comuns, são práticas violentas que por muitas vezes permanecem invisíveis aos olhos dos próprios envolvidos.

Concomitante a isso, foi possível perceber que as violências físicas e a autoprovocada são pouco praticadas nessa escola, espaço em que é a violência simbólica que se sobressai, evidenciando a naturalização desta, que se expressa por meio dos apelidos, dos xingamentos, das falas preconceituosas e as expressões verbais.

3. ANÁLISE DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: IMPACTOS E DESDOBRAMENTOS

3.1 Violência escolar e seus impactos

A violência no espaço da escola apresenta-se como fenômeno histórico e social. Nos últimos anos, o crescimento dos casos de violência escolar, seja no contexto regional, seja no quadro nacional, pode ser verificado, em grande número, em áreas periféricas e favelas são atingidos de forma mais intensa (Minayo, 2013).

Conforme Minayo (2013, p. 252), a violência só existe “quando há incapacidade de argumentação e de convencimento do outro, e aí a vontade do poderoso se impõe pela força”, alinhando-se ao argumento de Costa (2018, p. 25), que observa a violência escolar como fenômeno sempre produzido pelo outro e busca identificar características que distinguem autores e espectadores das ações de violência na escola.

O autor é sempre aquele que se destaca mais, ele domina o ambiente, tem seus seguidores, gosta de chamar atenção, ele age de forma cruel sobre aquele que é considerado diferente deles, discriminando-os e excluindo-os. O espectador é a grande maioria dos alunos, aqueles que presenciam as agressões na sala de aula, no corredor, no banheiro, mas, permanecendo omissos por medo de se tornar vítima também.

Tais aspectos puderem ser notados ao longo da realização da entrevista realizada com estudantes de uma escola estadual caxiense, quando os estudantes, em consenso, afirmam que optam pela não interferência ao presenciarem conflitos entre outros colegas no espaço da escola. Como identificado na fala do (Estudante C): *“O que eu faço, pode ser comigo, meu irmão, eu tento fazer se distanciar, pra não chegar num certo ponto de agressão ou morte”*. Essa fala coloca em evidência que diante da violência e dos conflitos é comum adotar uma postura de afastamento e não interferência. Uma vez que o medo de se tornar alvo contribui para que o indivíduo continue adotando uma postura de espectador, se distanciando e por vezes assumindo uma atitude omissa em meio as práticas violentas manifestada cotidianamente no ambiente escolar

À medida que a violência se intensifica, é possível observar não apenas sua ampliação, mas a profundidade de seus efeitos educacionais e sociais. A relação escola e sociedade, segundo Sastre (2009) parte da especificidade e função de cada uma delas.

Escola e sociedade são colocadas em uma situação polarizada. Assim como a sociedade é percebida como exterior à escola, a escola é percebida como exterior ao

estudante. Trata-se de realidades que se contrapõem hierarquicamente. Uma relação que opera a partir de contradições entre discursos e práticas. (Sastre, 2009, p.66).

Ainda segundo o autor, embora ambas componham parte da estrutura escolar, elas não determinam as relações entre os indivíduos, ou seja, tanto a violência social quanto as normas externas não determinam por si só a organização das relações escolares, uma vez que estas se constroem a partir dos ritmos que compõem o cotidiano escolar, dos discursos e significados que emergem das experiências em suas particularidades. No mesmo sentido, Minayo (2013) argumenta que a violência social tem origem nos problemas pessoais e coletivos, evidenciando sua natureza multicausal.

A violência social no Brasil não se constitui nem como doença nem como uma força exterior aos indivíduos e à sociedade. Ela nasce e se nutre dos problemas pessoais e coletivos e se realizam nas consciências, nas representações coletivas e nos atos individuais e grupais (2013, p. 255).

Desse modo, a violência pode ser compreendida como um fenômeno não apenas externo aos atores sociais, mas que se realiza na consciência e atitudes cotidianas. No âmbito escolar, essa dimensão da violência social está presente em práticas de exclusão, discriminação e preconceitos. A escola na tentativa de eliminar a violência que vem de fora, acaba por se tornar um espaço excludente, isolado e que opta por mecanismos de segurança incapazes de conter tais ações, assim sendo, ela termina por excluir os estudantes (Sastre, 2010).

Essa divisão entre sociedade e escola deixa espaço para se compreender a manifestação da violência no espaço educacional, perspectiva aprofundada por Minayo (2013), ao ressaltar esta como uma realidade que evidencia a manifestação do fenômeno da violência de maneira estrutural e subjetiva, não apenas por atos isolados, assim sendo, essas práticas alcançam o espaço educacional em suas diversas formas e dimensões. Conforme analisado, não há qualquer aspecto positivo nas formas de violência, uma vez que traz consigo consequências inevitáveis a curto e longo prazo, que afetam todos os envolvidos, tanto a vítima quanto o autor.

Paralelo a isso, as consequências da violência escolar alcançam aspectos sociais, pedagógicos - resultados escolares - e emocionais. Nesse contexto, os efeitos causados por esse fenômeno, especialmente no ensino-aprendizagem, interferem significativamente na

rotina escolar dos estudantes, comprometendo desde a formação até a autonomia dos estudantes.

Conforme Abramovay (2021), os vários tipos de violência quando adentradas no espaço escolar, pode causar danos físicos, o preconceito e a humilhação desmotivam os estudantes a frequentarem a escola. Minayo (2013, p. 259) destaca que “(...) no caso dos causadores da violência, existe o risco de o comportamento agressivo se cristalizar (...)”. Portanto, é necessário compreender a violência nesse ambiente em toda sua complexidade. Assim, torna-se relevante levar em consideração a subjetividade que os estudantes atribuem a compreensão do fenômeno da violência em contexto escolar.

A partir disso, Fante (2005, p. 80-81, apud Santos, 2022), complementa a análise de Minayo ao ressaltar que:

Enquanto a vítima sofre das mais variadas formas, acarretando outras consequências pessoais, prejudiciais à si mesma, cujos desdobramentos podem afetá-la durante toda a sua vida, o agressor experimenta a sensação de consolidação de suas condutas autoritárias (...). O agressor (de ambos os sexos) envolvidos no fenômeno estará propenso a adotar comportamentos delinquentes, tais como: agregação de grupos delinquentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade que o cerca, crença de que se deve levar vantagem em tudo, crença que é impondo-se com violência que conseguirá obter o que quer na vida... afinal foi assim nos anos escolares.

Na mesma perspectiva, Ribeiro, Gomes e Bittar (2021, p.7) reforça que as violências no ambiente escolar geram impactos negativos não apenas em um, mas em todos os atores sociais envolvidos, ocasionando danos físicos, dificuldade no rendimento escolar, dano psicológico, prejuízo nas relações interpessoais e familiares, gerando agressividade e mudança de comportamento desses indivíduos.

Muitas vezes o fenômeno da violência é naturalizado, quando isso ocorre acaba por ocultar tais práticas. De acordo com Minayo (2013), os indivíduos que internalizam esse fenômeno como algum tipo de brincadeira, não mais reconhecem seu papel como sujeito, isso se dá por ficarem “refêns” das práticas violentas, mediante o uso do poder, da coerção ou da força física, além disso, há uma redução na percepção dos sujeitos envolvidos quanto a essas práticas. Minayo (2013, p. 250), reforça a compreensão da violência como:

(...) qualquer situação em que uma pessoa perde o reconhecimento do seu papel de sujeito e é rebaixada à condição de objeto, mediante o uso do poder, da força física ou de qualquer outra forma de coerção. A violência é tão antiga como o ser humano e se confunde com a sua própria história.

Sob a perspectiva dos participantes da entrevista realizada com os estudantes de uma Escola Estadual, tanto as práticas de violência que estão presentes no ambiente escolar quanto suas causas e consequências, não são percebidas ou problematizadas como disfunções. Observação evidenciada na fala do (estudante b e i), ao afirmarem que, mesmo já tendo sofrido algum tipo de violência no ambiente escolar, não consideram que consequências de tais práticas tenham afetado seus processos de aprendizagem ou interferido em suas relações com outros estudantes.

Na mesma entrevista, entretanto, foi possível apreender que, mesmo que minimizem as violências sofridas ao longo de suas vidas na escola, reconhecem que tais ações podem interferir no desempenho escolar e gerar transtornos psicológicos em colegas que são vítimas, desencadeando a falta de motivação em frequentar a escola ou, ainda, a evasão escolar. Tal percepção fica clara na fala dos Estudante D e F. Enquanto os Estudante A e B afirmam que *“Sim, ela pode deixar de ir para a escola”* e *“Sim, a pessoa pode deixar de vim pra escola, pode até sair da escola, mas também pode prejudicar a escola, denunciar a escola, ah, sofreu isso, sofreu aquilo”*.

Tais impressões reafirmam a apreensão de Soligo (2018, p. 306), ao afirmar que

A violência e o preconceito dentro do âmbito escolar podem se desdobrar, entre outras coisas, para os estudantes, na evasão escolar, na desmotivação para aprender, desmotivação para pensar e continuar projetos de vida, na violência entre colegas, na violência urbana, na violência intrafamiliar [...].

A análise conjunta das entrevistas com os estudantes e das elaborações de Soligo (2018) permite destacar que a percepção dos alunos reforça a ideia de que a violência está tão internalizada que se torna imperceptível para quem a vivencia cotidianamente. Entretanto, essa naturalização das práticas da violência não suprime suas consequências, como reforçado por Soligo e apontado na fala dos estudantes, ela compromete o aprendizado e estímulo do indivíduo.

Diante disso, quanto a percepção dos indivíduos em relação a violência, Abramovay (2021) argumenta que:

A percepção do fenômeno das violências nas escolas é produto de uma construção a partir de histórias vividas e recolhidas pelos diversos atores em suas memórias e nas relações que estabelecem ao longo de suas vidas. Nessa medida, as violências são percebidas, muitas vezes, como um fenômeno comum e corriqueiro no cotidiano daqueles que já vivenciaram situações ligadas a roubo, ameaças, assalto, discriminação, atitudes autoritárias, brigas etc. (2021, pp. 18-19)

O espaço escolar por estar inserido em um contexto social mais amplo, também faz parte desse processo. Portanto, Minayo (2013, p. 259) destaca que

(...) a escola pode influenciar o comportamento agressivo dos estudantes de forma positiva ou negativa. No caso das crianças e jovens vítimas de violência, uma das consequências negativas é que elas tendem a apresentar comportamentos depressivos e baixa autoestima mais do que os que não sofrem violência (...).

Ou seja, a violência compromete não apenas o desenvolvimento escolar dos alunos, mas a sua identidade e autonomia. Complementando essa análise, Soligo (2018, p.230) considera que “a escola é situada como locus de experiências negativas, em função de sua estrutura inadequada, alimentação mal preparada e também pela falta de segurança em seu interior e pela impunidade da violência”. Abramovay (2012, p.58), reforça que “o ambiente escolar não apenas constrói novas dinâmicas de interação, mas também reproduz as que permeiam a sociedade, como as diversas formas de discriminação, intimamente associadas à dificuldade de se lidar com aqueles tidos como “diferentes da norma”.

Evidencia-se que a própria organização escolar pode se tornar um fator de agravamento, na medida que as práticas de violência presentes nesse espaço gera lacunas significativas no processo formativo e na convivência escolar dos estudantes. No mesmo sentido, Abramovay (2021) argumenta que as ações do sistema escolar, assim como a omissão do fenômeno da violência no espaço, são por vezes os principais contribuintes para o prejuízo na aprendizagem do aluno, influenciando negativamente no processo de construção de identidade dos jovens.

Além disso, os fenômenos da violência escolar estão inteiramente ligados aos aspectos socioeconômicos nacional e local. Essa característica auxilia para a ocorrência dos conflitos, uma vez que o espaço onde a escola está localizada influencia o dia a dia da instituição e por conseguinte a percepção e segurança dos alunos (Abramovay, 2021). A autora acrescenta:

Aspectos como a infraestrutura urbana, o perfil dos moradores e o tipo de comércio são alguns dos fatores que podem interferir na visão sobre o bairro e sobre a própria escola. Além disso, podem facilitar ou dificultar o acesso à escola, melhorar ou piorar suas condições de segurança. Alteram, portanto, sua rotina, suas relações internas, bem como as interações entre os membros da comunidade escolar com o ambiente social externo. (Abramovay, 2021, p. 14)

Esse apontamento coloca em evidência que o fenômeno da violência não deve ser compreendida como episódio pontual, mas como uma articulação às desigualdades urbanas e sociais. Não restringindo-se ao aspecto econômico; contudo, as desigualdades de ordem econômica constituem uma das principais bases de discriminação que, por conseguinte, se

manifesta em forma de violências. Segundo Abramovay (2012), o preconceito contra a pobreza é reproduzido dentro do espaço educacional e a marginalização ao qual os indivíduos em situação de maior pobreza estão sujeitos compromete a construção de um sistema educacional justo, expressando que a discriminação é uma das formas de violência expressas no espaço escolar.

Outras manifestações verificadas nas escolas são as discriminações relacionadas às desigualdades econômicas. O preconceito contra a pobreza, manifestado de forma bastante patente é também reproduzido nos estabelecimentos de ensino. Na discriminação pela pobreza, determinados hábitos e bens de consumo podem ser valorizados ou desvalorizados. A discriminação a que são submetidas as pessoas em situação de maior pobreza compromete a construção de um sistema educacional igualitário no sentido amplo (Abamovay, 2021, p.12).

O município de Caxias, em seu contexto socioeconômico é marcado por um contraste, no qual as áreas que se encontram mais próximas do centro têm maior infraestrutura e segurança em relação às áreas distantes e zona rural. Os alunos oriundos das áreas rurais enfrentam por vezes longos deslocamentos por meio dos ônibus escolares, o que se torna desgastante para muitos desses estudantes. No espaço escolar pode ser encontrado uma diversidade de origens, evidenciando o ponto de encontro entre diferentes experiências de vida que está ligada aos aspectos socioeconômicos, refletindo as desigualdades do município.

Esta realidade socioeconômica e cultural que se reflete em âmbito local também contribui para a intensificação da violência nas escolas, uma vez que esta molda as relações no ambiente educacional. “(...) a violência constitui um indicador negativo da qualidade de vida (...) (Minayo, 2013, p.255), um indivíduo quando inserido em um contexto marcado por desigualdade social e educacional, uma vivência de insegurança, dentre outros, tende a ter seu comportamento afetado significativamente, refletindo no espaço escolar e por conseguinte nas relações institucionais.

Assim como Minayo evidencia a violência como expressão das desigualdades sociais, as quais se expressam no cotidiano da escola, o bairro no qual a instituição está inserida é um espaço de múltiplos significados, que, conforme Dayrell (2007), ressalta que para os jovens, o bairro periférico não está reduzido apenas a um espaço de carência ou de violência, por mais que seja marcado por tais vulnerabilidades, é um território constituído de interações afetivas e significados. Nesse contexto, não se pode separar o espaço escolar das condições sociais uma vez que os indivíduos que fazem parte desse ambiente internalizam essas vivências que se refletem internamente no dia a dia da escola, influenciando tanto seu comportamento quanto suas interações.

Nesse sentido, (Dayrell, 2007, p. 1120) argumenta que:

O cotidiano escolar torna-se um espaço complexo de interações, com demarcação de identidades e estilos, visíveis na formação dos mais diferentes grupos, que nem sempre coincidem com aqueles que os jovens formam fora dela. A escola aparece como um espaço aberto a uma vida não-escolar, numa comunidade juvenil de reconhecimento interpessoal.

Desta forma, Dayrell evidencia a complexidade das interações no espaço educacional. Entretanto, tais relações têm origem no espaço territorial no qual os indivíduos habitam e se prolonga para o ambiente da escola, a qual não apenas reproduz as desigualdades e a violências, mas também é constituída como o espaço de construção de identidades e reconhecimento interpessoal. Sob essa perspectiva, Abramovay (2012) evidencia que essas relações são atravessadas por sentimentos de contradição, pois vão desde a empatia até ameaças e xingamentos. Entretanto, no espaço educacional, as violências verbais são as que mais se destacam, de modo que apelidos, competições, ameaças, xingamentos e indiferença são presenças frequentes.

Esses elementos puderam ser assimilados por todos os estudantes que se manifestaram durante a realização da entrevista por meio do grupo focal, cujos relatos revelam que as brincadeiras, em diversas ocasiões, vêm acompanhadas de xingamentos e ofensas que culminam em situações de *bullying*. Tais práticas geram dois posicionamentos distintos: de um lado, os que se sentem ofendidos ao perceberem e sentirem os efeitos dessa violência; do outro os que a interpretam como mera “brincadeira” por ocorrer em interação com os colegas. Contudo, os estudantes também assumem que tais relações, para além da brincadeira, configuram ofensivas que podem evoluir para ameaças ou para agressão física e verbal.

O tipo mais recorrente de violência, posteriormente naturalizada, dentre os aspectos mencionados anteriormente, é o bullying, que se torna cada vez mais frequente à medida que os indivíduos no espaço escolar não o reconhecem como violência. Os estudantes, por sua vez, internalizam essas práticas, constituídas pelas vivências sociais e escolares. Dessa forma, o bullying se apresenta de forma imperceptível, tornando-se mais comum no meio social. Nesse sentido, os indivíduos mais propícios a serem vítimas são justamente aqueles que a encaram como uma situação natural (Costa, 2018).

Quando os alunos presenciam outras formas de violências mais explícitas - racismo, ameaças, agressão no entorno da escola - conseguem ter uma percepção diferente daquela relacionada ao bullying que se apresenta de forma sutil. A tendência de sofrer violências parte justamente dessa percepção: ao visualizarem essas ações como algo natural, vinculam-se às

experiências que vivenciam e as influências que fora do contexto escolar. Nesse contexto, quando os Estudantes B e C citam o uso de armamento *“a violência é tipo uma pressão aos amigos, por exemplo: fez uma brincadeira de mal gosto e ele não gostou, aí no outro dia ele traz uma faca para matar os cara, então é tipo ameaçar, é violência”* (Estudante B), ainda que dentro e fora da escola, evidenciam a manifestação da violência em diferentes momentos de suas vidas, deixando claro o quão presente a violência está no cotidiano social. Assim sendo, não é incomum quando esses estudantes naturalizam tais ações, uma vez que as presenciam em seu cotidiano.

As nuances das práticas violentas relacionadas ao contexto socioeconômico e cultural desconsideram as consequências que delas decorrem. A continuidade dessas práticas e a maneira como a violência se perpetua no âmbito escolar, sob diferentes circunstâncias, revelam um fenômeno que, em nível local, além da influência da violência urbana, exige que a escola lida com os conflitos internos entre os alunos. Desta forma, não se pode ignorar que a violência local está relacionada aos fatores sociais e econômicos.

As medidas disciplinares adotadas pela escola apontadas, de modo geral, por todos os estudantes ouvidos - ameaça de expulsão ou transferência; suspensão; castigos - são justificadas como medidas para evitar a propagação e continuidade da violência no ambiente escolar. Entretanto, medidas como ameaça de expulsão e suspensão apenas provocam a marginalização de alguns indivíduos na escola. Na percepção dos estudantes, algumas dessas medidas sempre aparecem de forma rígida e autoritária. Deixando evidente que a escola reproduz um caráter punitivo que se articula com as diferentes violências presentes na sociedade.

Trata-se, portanto, de uma dinâmica que assume características próprias e reflete o impacto da delinquência urbana no espaço educacional. De acordo com Minayo (2013), este é um aspecto dominante da violência, uma vez que usada para conquistar poder, seja em âmbito social, cultural ou educacional, ligado inteiramente a indivíduos pobres e moradores periféricos. *“As discussões, brigas e até mesmo atos de vandalismo e delinquência, presentes entre os jovens, não podem ser dissociados da violência mais geral e multifacetada que permeia a sociedade brasileira (...)”* (Dayrell, p.1111). Essas são características de uma violência que se utiliza dos instrumentos de poder e dominação, que se manifesta nas estruturas sociais.

Assim, em Minayo (2013) e Dayrell (2001), os conflitos que ocorrem no espaço escolar refletem e reproduzem os conflitos que estão incorporadas na sociedade, revelando assim, suas dimensões subjetivas e estruturais, ou seja, quando a estrutura social é excludente,

é inevitável que os jovens levem essas tensões e contradições para o interior da escola. Quando se trata dessa realidade na qual as escolas estão inseridas, Reis (2021, p. 47), evidencia que muitos desses atos tem origem nas vizinhanças, ou seja, no lugar onde o estudante habita, nos aspectos relativos à família, essencialmente vinculadas às estruturas da sociedade, como a pobreza marcada pela desigualdade social, tornando-se possível perceber a influência do contexto local na vivência e relação estabelecidas pelos indivíduos na instituição escolar.

Uma estrutura social excludente marginaliza grupos, reproduz desigualdades e limita o acesso aos direitos básicos. A má distribuição de renda e a redução ao usufruto de bens sociais configuram aspectos estruturais que favorecem a produção da violência (Soligo, 2018). Nesse cenário, marcado por pobreza e desigualdade, manifesta-se um alto índice de violência que, por conseguinte, se reflete nas interações entre os jovens no espaço escolar, trazendo os conflitos e as contradições de uma sociedade excludente para o interior da escola (Dayrell, 2007). No mesmo sentido, Costa (2018), expressa que os sujeitos que não se adequam aos critérios da estrutura social são estigmatizados, reforçando os aspectos da dinâmica social.

Pensar o contexto de Caxias-MA e seus arredores implica no reconhecimento da escola como condicionada e condicionante das desigualdades sociais, ou seja, ela tanto vivencia quanto perpetua a violência. A cidade e região onde se localiza a escola e moradia dos participantes da pesquisa, revela de maneira efetiva essa estrutura excludente, principalmente a zona rural que não possui ensino médio em sua localidade, obrigando o deslocamento dos alunos para a zona urbana.

Partindo dessa concepção, Oliveira (2025) observa as motivações para que indivíduos oriundos da zona rural busquem educação na zona urbana. Segundo Willems (1967, apud Oliveira, 2024, p. 24):

A educação, no contexto rural, sempre esteve limitada pela escassez de escolas, pela falta de qualificação dos professores e pela pouca oferta de recursos pedagógicos. Para muitos jovens do campo, a escola se torna um dos maiores obstáculos para o desenvolvimento de suas potencialidades. Diante disso, a migração para as cidades é vista como uma tentativa de acessar uma educação mais qualificada, com melhor infraestrutura e mais opções de ensino superior. A cidade, com suas escolas, universidades e centros de conhecimento, oferece aos jovens o que o campo não pode oferecer: a chance de uma ascensão social e profissional, mediada pela educação.

Mais da metade dos alunos que participaram dessa pesquisa vivem na zona rural, o que apenas intensifica a exclusão estrutural, uma vez que para se deslocarem necessitam do

uso de transporte escolar oferecido pelas prefeituras dos municípios. Como relatado pelos alunos, a escolha da escola parte justamente da distância entre a escola e suas moradias. A falta de instituições que ofereçam o Ensino Médio e uma infraestrutura adequada aos estudos na zona rural evidenciam ainda mais a exclusão presente, reforçando as desigualdades entre os indivíduos do campo e da cidade.

A partir disso, percebe-se que tanto em nível local - Caxias - quanto estadual - Maranhão - a violência escolar se manifesta como uma dimensão sociocultural que se liga às desigualdades estruturais. Exclusões, contradições e tensões sociais que são reproduzidos nas escolas, no qual as escolas. Nesse sentido, a escola, além de refletir a violência existente, também constitui-se como ambiente que reproduz as contradições presentes na sociedade. Como apontado por Abramo (1997), são poucas as estruturas sociais que se preocupam no modo como os jovens vivem e interpretam as situações “problemáticas”, assim como as dificuldades sociais.

São essas características da violência, frequentemente encontradas no espaço escolar, que interferem ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, Dayrell (2007, p. 1118) destaca que “[...] a escola, por si só, não consegue responder aos desafios da inserção social dos jovens, tendo poder limitado na superação das desigualdades sociais e nos processos de emancipação social”. Em consonância com essa linha de raciocínio Jesus (2015, p.15) acrescenta que:

As instituições escolares sempre foram lugar de aprendizagem, lugar seguro para aprender tudo que precisa para viver em comunidade e ser um bom cidadão, lugar que nunca nos ofereceu risco, e ali tínhamos certeza que nada de ruim poderia nos acontecer. Mas infelizmente, nos dias atuais, mal sabíamos que as brincadeiras que ali aconteciam poderiam nos causar graves traumas e chegar onde estamos hoje, em um lugar que não sabemos mais o que pode acontecer dentro da escola.

As consequências advindas da violência escolar se manifestam em diferentes aspectos, desde os estruturais até os individuais, refletindo no processo educativo, na convivência e relação entre os atores escolares e na própria instituição escolar (Sastre, 2010). A instituição escolar não é um espaço neutro, pois não está dissociada das violências geradas fora do seu muro (Abramovay, 2021), uma vez que as violências extramuros penetram o ambiente educacional (Zaluar e Leal, 2001).

A partir disso, compreende-se que a violência escolar não é apenas um fenômeno interno às instituições, mas o resultado das interações entre os fatores estruturais, que remetem às desigualdades econômicas e sociais. Essas desigualdades perpassam o cotidiano

dos alunos no ambiente escolar, de modo que “ [...] a escola pode ser também um espaço reprodutor de desigualdades sociais e de exclusões (Abramovay, 2021, p. 13), influenciando não apenas na vivência entre os estudantes, como também no seu processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, fundamentado nos estudos de pesquisadores que têm abordado o tema da violência escolar e na escuta de estudantes de uma escola pública do município de Caxias-MA, evidenciou que as principais formas de violência se manifestam, sobretudo, por meio de agressões verbais - como xingamentos, insultos e apelidos. O tipo mais frequente, identificado pelos estudantes, corresponde ao *bullying*.

A percepção que os estudantes têm sobre a violência que ocorre no âmbito escolar está associada às agressões verbais, as quais, frequentemente, acompanham a agressão física. Os dados coletados revelam que todos os participantes da pesquisa já presenciaram algum tipo de violência na escola, incluindo algumas mais evidentes como o racismo, ameaças e agressão ocorrida no entorno da escola. Contudo, observa-se que os atores escolares tendem a não reconhecer que determinadas práticas podem trazer consequências futuras, uma vez que naturalizam esses comportamentos. Essa naturalização é evidente em relação ao bullying, pois é visto como uma brincadeira entre o grupo de colegas.

Em Soligo (2018), a motivação da violência destaca-se as características físicas, raciais, de gênero, de orientação sexual e de classe social. Os principais alvos são, em geral, os alunos que ocupam os primeiros lugares na sala - considerados os mais inteligentes - bem como aqueles alunos retraídos, que não conseguem se expressar e, conseqüentemente, não revidaram tais atos. Esses estudantes acabam sendo estigmatizados, e vistos como alvo fáceis pelos agressores. Tais práticas podem decorrer de inveja, rebeldia, aparência ou sexualidade, sendo no espaço escolar onde essas diferenças se apresentam de forma mais evidente.

Constata-se que a prática da violência física é pouco praticada nesse contexto; por outro lado, a violência simbólica se sobressai, manifestando-se por meio dos xingamentos, expressões verbais e falas preconceituosas. Esse fenômeno evidencia a naturalização da violência no espaço escolar, embora carregue consequências que vão desde o desânimo e danos psicológicos à evasão escolar das vítimas. Conforme (Abramovay, 2012), o índice dos níveis de violência nesse espaço apenas incentiva o poder do agressor e intensifica o medo da vítima.

A escola, segundo (Costa, 2018), é considerada um espaço em que se abrigam diferentes origens, personalidades, percepções, ideais, e que por vezes gera diferentes conflitos no ambiente. Esses conflitos ocorrem principalmente na sala de aula, onde se torna possível perceber a tensão entre os jovens (Dayrell, 2007).

Diante disso, nota-se que a escola não aborda a violência escolar como um tema de discussão em sala de aula. Ao interpretarem determinadas práticas de violência como simples brincadeira, evidencia-se a naturalização desses atos, o que pode contribuir para o crescente número de casos de violência no espaço escolar, tornando a reprodutora dessas práticas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Revista Brasileira de Educação, n. 5-6, maio/dez. 1997, p. 25-36.
- ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). *Conversando sobre violência e convivência nas escolas*. Rio de Janeiro: FLACSO Brasil; OEI; MEC, 2012. 83 p. ISBN 978-85-60379-09-5.
- ABRAMOVAY, Miriam. *Violências nas escolas: programa de prevenção à violência nas escolas*. 2. ed. Brasília: FLACSO Brasil, 2021. Disponível em: Violências nas Escolas – 2ª edição, FLACSO.
- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação; Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. *Boletim Técnico Escola que Protege: dados sobre violências nas escolas*. Brasília: MEC, 2024.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3. ed. Tradução de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- CAMPOS, Maria Elda Alves de Lacerda. *A tessitura da violência: motivação e manifestações no ambiente escolar*. 2021. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- CARVALHO, Wanderson Sousa Sales. *Violência escolar e suas características em uma escola estadual*. 2022. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Estudos Superiores de Imperatriz, Imperatriz, 2022.
- COSTA, Maria Socorro Monteiro. *Violência na escola: percepções de alunos e professores em escola Municipal Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira em São Bernardo-MA*. 2018. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2018.
- DAYRELL, Juarez. *A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

G1. *Mortes, escolas fechadas e medo: veja a cronologia da onda de violência na Grande São Luís*. G1 Maranhão, São Luís, 24 out. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2025/10/24/mortes-escolas-fechadas-e-medo-veja-a-cronologia-da-onda-de-violencia-na-grande-sao-luis.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2025.

IEDE – *Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional*. QEDu. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <<https://qedu.org.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2025.

IMIRANTE. *Duplicam casos de violência nas escolas do Maranhão em quatro anos*. Imirante, São Luís, 18 maio 2023. Disponível em: <<https://imirante.com/noticias/sao-luis/2023/05/18/duplicam-casos-de-violencia-nas-escolas-d-o-maranhao-em-quatro-anos>>. Acesso em: 14 nov. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). *Atlas da Violência 2024*. Brasília: IPEA; FBSP, 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Censo Escolar da Educação Básica 2021: notas estatísticas*. Brasília, DF: INEP, 2021.

JESUS, Pamela Sousa de. *Bullying na escola*. 2015. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural) – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia / SECADI/MEC, Brasília, 2015.

FILHO, Aristeo Leite. *Pedagogia Freinet e Direitos Humanos: discutindo o papel da educação escolar na construção de uma sociedade não violenta (ou a vida na escola e não a escola preparando para a vida)*. INES – Espaço, Rio de Janeiro, n. 17, p. 64-67, jul. 2002.

LIMA, João et al. *Caxias: Caxias: conhecendo o meu município: história e geografia: estudos regionais* : fundamental 1. Fortaleza : Editora Meta, 2022.

MARANHÃO. Governo do Estado do Maranhão. Portal do Governo. São Luís, 2025. Disponível em: <https://www.ma.gov.br>. Acesso em: 24 nov. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *A violência dramatiza as causas*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Elizabeth Ribeiro (orgs.). *Violência sob o olhar da saúde: infrapolítica da contemporaneidade brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 23-47. DOI: <https://doi.org/10.7476/9786557081150.0003>.

MINAYO, M. C. S. *Violência e educação: impactos e tendências*. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 15, n. 31, p. 249-264, jul./dez. 2013.

PEREIRA, Lilian Rodrigues Martins. *Os conflitos em ambientes escolares: um olhar além da superfície*. 2019. Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências, Bauru.

OLIVEIRA, Jéssica Line Vieira Ferreira de. *Êxodo juvenil: análise dos desafios enfrentados por jovens advindos de cidades interioranas para Caxias – MA*. Caxias, 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Estudos Superiores de Caxias, 2024.

QUEIROZ, Christina. *Crise de convivência na educação: escalada de agressões nas escolas do país acende alerta para a necessidade de criação de medidas capazes de enfrentar a violência e melhorar o ambiente em instituições de ensino*. Revista Pesquisa FAPESP, n. 350, p. 13-17, abr. 2025.

REIS, Cláudio Márcio Pereira dos. *Violência na escola: entre o clima escolar e a prevenção*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Pró-Reitoria Acadêmica, Brasília, DF, 2021.

RIBEIRO, Gilberto de Miranda; GOMES, Buso; BITTAR, Cléria Maria Lobo. *Percepções de professores e alunos sobre a violência escolar: um estudo qualitativo*. Psicologia Escolar e Educacional, v. 25, e223900, 2021.

SANTOS, Lorena Karine Martins. *O fenômeno bullying nos anos iniciais do Ensino Fundamental: um estudo com professores em escolas da rede pública na cidade de Caxias - MA*. Caxias: CESC/UEMA, 2022.

SASTRE, Edilberto. *Panorama dos estudos sobre violência nas escolas no Brasil: 1980-2009*. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SOLIGO, Ângela Fátima (Coord.). *Violência e preconceitos na escola: contribuições da Psicologia*. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2018. 402 p.

SOUZA, Vanessa Pereira Dantas de. *Violência escolar: estudo da produção acadêmica sobre a Educação* (2010–2020). 2022. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

TAVARES DOS SANTOS, J.V., DIDONET, B. e SIMON, C. (1998), “*A palavra e o gesto emparelhados: a violência na escola*”, in Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (org.), *Violência não está com nada*, Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação.

TAVARES, Priscilla Albuquerque; PIETROBOM, Francine Carvalho. *Fatores associados à violência escolar: evidências para o Estado de São Paulo*. Estudos Econômicos, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 471-498, abr./jun. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-416146277ptf>.

TRAD, Leny A. Bomfim. *Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde*. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. DOI: 10.1590/S0103-73312009000300013.

VIEIRA, Jaqueline Borges. *Ansiedade e suporte familiar em adolescentes envolvidos em violência escolar*. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Petrópolis, Centro de Ciências da Saúde, Petrópolis, 2022.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. *Violência extra e intramuros*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 15, n. 44, p. 43–56, out. 2000.

ANEXO A

QUESTIONÁRIO

1. O que você entende por violência escolar?
2. Qual a sua visão em relação às violências que ocorrem na escola?
3. Você já sofreu algum tipo de violência?
() Sim () Não
4. Se não, você já presenciou? Se sim, quais os tipos de violência que você já sofreu?
5. Como você lida com a questão da violência no ambiente educacional?
6. Quais você acredita que sejam as principais causas da violência neste ambiente?
7. Você acredita que a violência interfere diretamente no seu desempenho ou na sua vivência escolar?
8. Já ocorreu algum conflito em larga escala a partir de uma discussão entre você e outros (alunos/alunos ou alunos/professores)?
9. Quais medidas a escola, como instituição, já tomou em relação às violências que você (ou seus colegas) sofreram?
10. Você já deixou de comparecer às aulas por conta de violência?